

Ata da quinta reunião do Projeto Político Pedagógico (PPP)

No dia vinte e cinco de julho de dois mil e quinze (25/07/2015) às 16h20 iniciou-se a quinta reunião do Projeto Político Pedagógico (PPP) cujo objetivo foi iniciar a discussão acerca de formas de ingresso de estudantes a partir de dois mil e dezesseis (2016). O encontro contou com a participação de educadores, estudantes e colaboradores do Mafalda totalizando vinte e quatro (24) pessoas. São elas: Anne Nobre, Gabrielle Idealli, Iris de Araújo, Letícia Tihany, Rafaela Evangelista da Silva, Renata Cristina Pereira, Susana Cruz, Tainá Farias, Talita Amaro, Tatiana Venâncio, Tiago Galvão, Vitor Bauschert Braz, Vitoria Alves Pereira Santos, Hauan Nogueira, Priscila Dias Gomes, Fernanda Gonçalves Lowndes, Fernanda Silva Pinto Vierner, Matheus Colli, Andrei Teixeira, Rosenayê, Andreia de Oliveira, Lara, Rebeca.

Vitória Alves inicia a discussão dizendo que uma boa forma de ingresso seria por sorteio.

Fernanda Vierner questiona sobre a eficácia de o ingresso por sorteio, argumentando que é possível que isso cause maior evasão de estudantes por não conseguirem acompanhar o conteúdo das aulas.

Talita Amaro explica a atual forma de ingresso (Vestibulinho no começo das atividades anuais e, para vagas remanescentes, matrículas por ordem de chegada até o preenchimento total de vagas disponíveis) em sua fala também apresenta o que gera a perda de vaga (faltas consecutivas sem justificativas).

Anne Nobre diz que essa discussão de formas de ingresso tem a ver com o perfil do (da) estudante do Mafalda, e exemplifica usando sua experiência até hoje no cursinho. Fala também que ouviu hipóteses de novas formas de ingresso e reduzir evasão de estudantes e que pensar nessas medidas é sumário para a continuidade e sucesso do Projeto. Encerra sua fala dizendo que crê que matrícula por ordem de chegada é uma forma prática de ingresso.

Andrei Teixeira questiona os conteúdos das provas-testes que aplicamos, baseadas nos principais vestibulares do país, como ENEM, FUVEST, UNICAMP etc, e suas variantes (avanços com o tempo). Considerando que, em hipótese, todos os (as) estudantes já teriam previamente a bagagem de conteúdo adquiridos em suas experiências escolares até então.

Tainá Farias diz que uma prova/entrevista de conhecimentos prévios seria excelente por poder focar em cada estudante como ser individual e então melhor ajuda-lo (a), mas apresenta que para fazê-lo é preciso tempo e mobilização de mais colaboradores. Enfatiza dizendo: *“são mais de setecentos (700) testes!”*

Renata Pereira diz que de fato são muitas provas e que não seria possível por causa da demanda de trabalho ser muito alta. Fala também que as provas-testes são como um

“diagnóstico”, mas questiona: “*Diagnóstico para quem?*”. Se em sala não se tem noção das notas dos (das) estudantes, não podendo utilizar esse recurso para lidar diretamente com a necessidade de cada um (uma).

Gabrielle Idealli opina que o que deve ser pensado é o que e como será inviabilizado. Fala também que quantidade de estudantes, colaboradores (as) e tempo não serem diretamente proporcionais é um fator que, invariavelmente, gera algumas dificuldades.

Tainá Farias enfatiza o que o trabalho dos (das) colaboradores (as) é feito sem nenhuma remuneração e que por isso o número de pessoas nos dias das matrículas não é expressivo, dada a quantidade de estudantes para fazê-las ser muito maior.

Gabrielle Idealli prossegue dizendo que tão importante quanto ter ideias para aprimorar esse aspecto é pensar em maneiras de concretizar eficientemente essas ideias.

Talita Amaro fala sobre a experiência de análise de boletim como forma de ingresso. Enfatizando que foi “*Um caos temporário*”, tendo em vista que a demanda de boletins para serem analisados era menor do que seria se o Projeto optasse por essa forma de ingresso atualmente (pois na época o Mafalda era uma comunidade menor). Expressa que é falho avaliar por nota porque são conceitos que variam (de educador [a] para educador [a]), e diz: “*O que é 8 para mim, para outra educadora é outra coisa*”.

Rosenayê observa que é importante que todos (as) se pronunciem e que isso é positivo quanto ao que é e o que pretende ser feito do Projeto Mafalda. Diz também que estar no Mafalda significa ter um posicionamento político. E deseja que seja apresentado brevemente o histórico do Mafalda e o que é o *PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO*.

Talita Amaro diz que o dia vinte e cinco de julho (25/07) é o primeiro dia de deliberações e encaminhamento do Projeto.

Andreia de Oliveira, coordenadora de Enem 18+ (curso este quem tem uma demanda de procura muito menor comparada ao curso Pré-universitário), compartilha sua experiência com o curso, dizendo que a forma de ingresso para este é diferente. Conta que a forma de ingresso para o curso é uma entrevista com ela. Uma conversa onde é apresentado o que é o curso e se o estudante tem interesse em participar do Projeto. Diz que o que sente ao fazê-lo é que eles, os estudantes, têm muita vontade de participar e que às vezes por desventura acabam parando, mas que há estudantes que demonstram a vontade de retornar para as aulas em algum outro momento.

Fernanda Vierner diz que entende o dilema que é o sistema de ingresso por prova e diz que o problema para o desestímulo de educadores (as) seria encontrar estudantes que não têm uma base prévia para receber os conteúdos preparados para as aulas. Apresenta a experiência de um outro cursinho, que a prova de ingresso acontece após duas semanas de aulas-testes, para saber se o (a) estudante está pronto (a) para prosseguir no curso, considerando tempo do (da) estudante tem para se dedicar ao curso.

Lara opina que cotas raciais e sociais seriam um passo importante e fidedigno aos ideais do Cursinho Popular Mafalda.

Tainá Farias questiona: “*Duas semanas de aulas-testes prévias para quem?* ” Comparando a aleatoriedade de como seriam selecionadas as pessoas que assistiriam as aulas nessas duas semanas à aleatoriedade que a forma de ingresso por sorteio teria.

Rebeca questiona acerca da experiência que foi dividir estudantes por sala de acordo com suas notas nas provas-testes e sua efetividade.

Andrei Teixeira acrescenta que há muitas variáveis que controlam as evasões.

Fernanda Lowndes diz que considerar cotas raciais e sociais e sorteio como forma de ingresso são uma boa, mas que apesar disso é preciso uma prova pós-matrícula para melhor identificar o perfil de cada estudante e enquadrá-lo (a) na turma mais comum possível. Argumenta que essa prova pós-matrícula seria positiva também para educadores (as), pois estes teriam maior interação com suas salas.

Rosenayê concorda com a posição de Fernanda Lownde e acrescenta que o Mafalda quanto cursinho popular tem grande importância social. E relata que estudantes de sua turma apresentam o empenho em aprender formando grupos de estudos.

Anne Nobre diz que o discurso de Tainá acerca de o teste ser inviável é forte e argumenta que educadores (as) se empenham em fazer as apostilas, e que tal empenho também poderia ser direcionado à busca de um melhor instrumento de teste. E diz que é interessante perceber qual é o perfil dos (das) estudantes para abordá-los (a) de maneira efetiva.

Gabrielle Idealli também se posiciona a favor das cotas. Aborda que é mais fácil lidar com a é “homogênea”. Diz também ser complexo optar por quaisquer formas de ingresso, pois há muitas nuances positivas e negativas. E fala que é importante termos em mente a estrutura do Projeto, que é um cursinho e o que podemos realizar quanto cursinho.

Tainá Farias diz que se expressa de maneira enfática pois educação é um tema relevante em sua vida e que isso justifica a energia empregada em sua fala. Apresenta que uma grande barreira no processo de ingresso é o contingente de pessoas que poderão se prontificar a ajudar a realizar as matrículas em suas variáveis. Posiciona-se a favor das cotas também.

Íris de Araújo concorda com as cotas e pede um maior esclarecimento a respeito das provas pós matrículas, com função de nivelar as turmas. E apresenta que a falha desse sistema seria a possível exposição que estudantes estariam sujeitos.

Andreia de Oliveira diz que o foco serem os (as) estudantes passarem no vestibular é problemático, tendo em vista que as aulas são pensadas e planejadas para que haja mudanças sociais.

Lara relata que para ela, entrar no Mafalda a fez ter maiores visões de mundo. Que o Cursinho funcionou para que seus horizontes fossem expandidos. E diz também, que tem isso para ela significa que o Projeto deu certo.

Vitória Alves fundamenta seu argumento de que uma prova niveladora seria possível no fato de o número de estudantes no Mafalda que tiveram ensino médio em escolas técnicas ser significativo, por isso têm maior preparo para prova, caso esse seja o consenso para forma de ingresso.

Andrei Teixeira concorda com o “dar certo” apresentado por Andreia. E faz um apelo aos (às) educadores (as) que sejam sensíveis às suas salas, percebendo as mudanças e facilidades dos (das) estudantes. E também diz acreditar que cotas serão positivas para o Mafalda.

Rosenayê fala que é importante a sensibilidade dos (das) educadores (as). Diz que há um diferencial no Mafalda, e compara o Projeto a cursinhos que estudou antes, relata que as aulas são de maior qualidade.

Talita Amaro apresenta que o Mafalda é um posicionamento político e que Projeto é um tipo de militância, que atua através do conhecimento.

A reunião se encerra às 17h30 com o agendamento da próxima PPP para o sábado seguinte, um de agosto de dois mil e quinze (01/08/2015) que terá como tema a mesma pauta, *Formas de Ingresso*.